

AS CONSEQUÊNCIAS DA EPILEPSIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE CRIANÇAS

THE CONSEQUENCES OF EPILEPSY ON THE LEARNING PROCESS OF CHILDREN

Karoline Barros Figueiredo¹, Vanessa Erika Abrantes², Marcelane de Lira Silva³ e Igor de Sousa Gabriel⁴

ARTIGO

Recebido:

20/04/2023

Aprovado:

17/08/2023

Palavras-chave:

Aprendizagem.

Convulsões.

Epilepsia.

RESUMO

Introdução: Por definição, a epilepsia é conceituada como uma disfunção cerebral caracterizada pela predisposição permanente em gerar crises epiléticas. A crise epilética é uma ocorrência breve de sinais e sintomas mediante à atividade neuronal anormal excessiva ou sincrônica no cérebro. A literatura evidencia que se trata de um grupo de doenças de causas subjacentes, com manifestações clínicas de atividade neuronal anormal. **Objetivos:** Abordar as dificuldades de aprendizagem em crianças com epilepsia. **Aspectos metodológicos:** O presente estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura, sendo um método que possibilita a construção de conhecimento e a inclusão da aplicabilidade de resultados de estudos relevantes no campo prático. Para elaborar o corpus da pesquisa, utilizaremos consultas às bases de dados científicos na internet: Scientific Electronic Library Online (SciELO), MEDLINE e LILACS. Serão utilizados os Descritores em Ciências da Saúde: Aprendizagem; Convulsões; Epilepsia; “Learning”; “Seizures”; “Epilepsy”. Para compor a amostra, serão utilizados como critérios de inclusão: artigos disponíveis e completos; artigos nacionais com publicação nos idiomas português e inglês, bem como manuais e cartilhas publicados pelo Ministério da Saúde, sendo o período de publicação da literatura de 2012 a 2022. Para desenvolver a amostra, serão destacados como critérios de exclusão: publicações que se repitam nas bases de dados; teses e monografias; e artigos que não se apliquem a área de estudo. **Resultados:** evidencia-se que a epilepsia é um desafio para o desenvolvimento educacional da criança no qual o manejo terapêutico se apresenta como fundamental para atenuação do problema.

ABSTRACT

Introduction: By definition, epilepsy is defined as a brain dysfunction characterized by a permanent predisposition to generate epileptic seizures. An epileptic seizure is a brief occurrence of signs and symptoms due to excessive or synchronous abnormal neuronal activity in the brain. The literature shows that it is a group of diseases with underlying causes, with clinical manifestations of abnormal neuronal activity. **Objectives:** To address learning disabilities in children with epilepsy. **Methodological aspects:** The present study is about an integrative literature review, a method that enables the construction of knowledge and the inclusion of the applicability of results of relevant studies in the practical field. To elaborate the research corpus, we will use the Scientific Electronic Library Online (SciELO), MEDLINE, and LILACS scientific databases on the Internet, using the following Health Science Descriptors: Learning; Seizures; Epilepsy; Learning; Seizures; Epilepsy. To compose the sample, the following inclusion criteria will be used: available and complete articles; national articles published in Portuguese and English, as well as manuals and primers published by the Ministry of Health, and the period of publication of the literature from 2012 to 2022. To develop the sample will be highlighted as exclusion criteria: publications that are repeated in the databases; theses and monographs; and articles that do not apply to the study area. **Results:** It is evident that epilepsy is a challenge for the educational development of the child in which therapeutic management is presented as fundamental for the mitigation of the problem.

¹Graduanda em Medicina pelo Centro Universitário Santa Maria;

²Docente do Centro Universitário Santa Maria;

³Docente do Centro Universitário Santa Maria;

⁴Docente do Centro Universitário Santa Maria;

1. INTRODUÇÃO

Por definição, a epilepsia é caracterizada por crises convulsivas de repetição. Conforme estimativas provenientes da Organização Mundial da Saúde (OMS), aproximadamente 2% da população global é epilética, sendo mais prevalente em nações que se encontram na fase de desenvolvimento, sobretudo por causas bacterianas, virais e parasitárias (FERNANDES, 2013).

Sob esse viés, destaca-se que a epilepsia se faz presente em elevado percentual na população pediátrica, uma vez que em 75% dos casos são manifestados antes dos dezoito anos de idade, tendo em vista que a maturação do sistema nervoso central (SNC) perdura até a vida adulta, culminando-se em consequências de tais modificações, como as crises epiléticas que se iniciam na infância (RENARDIN et al., 2019).

Considerando a relevância da epilepsia enquanto uma problemática de saúde pública no âmbito da população pediátrica, tendo-se em vista a alta prevalência, os efeitos colaterais das drogas antiepiléticas na infância refletem em lacunas que corroboram para um baixo desempenho acadêmico em crianças que convivem com a condição (LIMA et al., 2021).

Com isso, a aprendizagem humana é um dos temas mais debatidos em todo o mundo, especialmente pela importância que a educação ocupa no cenário global, ao ponto de ser um dos indicadores de desenvolvimento de uma nação, destacando-se a questão dos processos que viabilizam o ato de aprender. Por definição, Teixeira e Alliprandini (2013) destacaram as estratégias de aprendizagem como sequências de procedimentos que englobam o armazenamento, a aquisição e a utilização da informação.

Com isso, a aprendizagem consiste em um processo de modificações na vida do indivíduo, se apresentando em constante evolução, sendo a capacidade de adaptar e adquirir conhecimentos e habilidades. Por sua vez, existem lacunas que dificultam tal processo, de causas emocionais, psicológicas, neurológicas e hereditárias (ABED, 2016).

Nesse sentido, quando a dificuldade de aprendizagem é identificada pelo professor, o mesmo deve comunicar aos responsáveis pela criança ou adolescente, enfatizando a importância da busca por suporte profissional, evidenciando as implicações envolvidas na vida da criança de um modo geral (FRAGA, GONÇALVES, 2017).

Destaca-se que a atuação dos profissionais da educação e de equipes multidisciplinares, formadas por profissionais como médicos e enfermeiros, por exemplo, deve ser pautada no conhecimento acerca das lacunas de aprendizagem do aluno, englobando suas causas, para assim respeitar o desenvolvimento deste, buscando novas práticas que se

adequem ao material pedagógico, visando tornar o processo de aprendizagem uma realidade. Nos termos da Internacional League Against Epilepsy (ILAE) e da Internacional Bureau for Epilepsy (IBE), a epilepsia se apresenta enquanto um distúrbio resultante da predisposição cerebral em formar crises epiléticas, além de culminar em consequências neurobiológicas, psicossociais, cognitivas e sociais, resultando em pelo menos uma crise do tipo epilética (CAMPOS, KORTMANN, 2017).

Nesse sentido, as crises epiléticas são estruturadas em dois grandes eixos, tais como as crises parciais (focais), do tipo simples, isto é, sem a perda de consciência, e as complexas, ocorrendo a perda total ou parcial da consciência. Além disso, existem também as crises generalizadas, envolvendo os hemisférios cerebrais, sendo elas mioclônicas ou as Crises de Ausência. Dessa forma, no segundo eixo estão classificadas as crises de etiologia primárias, que podem ser idiopáticas, correlacionadas aos aspectos genéticos e de maturação química ou criptogênicas de causas desconhecidas, bem como as secundárias, resultantes de sequelas de um processo patológico cerebral progressivo (CARRERA-GARCÍA et al., 2017).

Justifica-se o estudo em destaque acerca da relevância da abordagem das dificuldades de aprendizagem de crianças com epilepsia, que podem apresentar convulsões de maneira frequentes e desordenadas, culminando em lacunas no processo de aprendizagem, especialmente pelo tempo que a criança fica inconsciente, por questões relativas à qualidade do sono e problemas de memória, conforme evidenciado pela literatura.

2. METODOLOGIA

O presente estudo se trata de uma revisão integrativa da literatura, sendo um método que possibilita a construção de conhecimento e a inclusão da aplicabilidade de resultados de estudos relevantes no campo prático. Para produzir uma revisão integrativa, é importante seguir seis processos de elaboração, sendo eles: 1 - elaboração da pergunta norteadora; 2 - busca ou amostragem na literatura; 3 - coleta de dados; 4 - análise crítica dos estudos incluídos; 5 - discussão dos resultados; 6- apresentação da revisão integrativa (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2009).

Para elaborar o corpus da pesquisa, utilizaremos consultas às bases de dados científicos na internet: Scientific Electronic Library Online (SciELO), MEDLINE e LILACS. Serão utilizados os Descritores em Ciências da Saúde: Aprendizagem; Convulsões; Epilepsia; “Learning”; “Seizures”; “Epilepsy”.

Para compor a amostra, serão utilizados como critérios de inclusão: artigos disponíveis e completos; artigos nacionais com publicação nos idiomas português e inglês, bem como manuais e cartilhas publicados pelo Ministério da Saúde, sendo o período de publicação da literatura de 2012 a 2022.

Para desenvolver a amostra, serão destacados como critérios de exclusão: publicações que se repitam nas bases de dados; teses e monografias; e artigos que não se apliquem a área de estudo.

Outrossim, após a seleção dos artigos com base nos descritores nas referidas bases de dados, leitura e seleção dos estudos, exclusão após a leitura dos resumos e por fim, a leitura na íntegra dos estudos que formarão os resultados, aponta-se que serão apresentados por meio de fluxogramas e quadros, visando delimitar as respostas propostas nos objetivos do estudo em destaque.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1. CONTEXTUALIZANDO A EPILEPSIA EM CRIANÇAS

A epilepsia é uma doença neurológica crônica com prevalência estimada em cerca de 65 milhões de pessoas em todo o mundo. Considerando as maiores causas globais de doenças, a epilepsia ocupa a quarta posição. Segundo conjecturas, a estimativa da epilepsia é situada entre 15 e 113 em cada 100 mil indivíduos, variando conforme a população estudada. Somente na infância, a incidência é duas vezes maior do que entre a população adulta (FONTES, JIMENEZ, IRIARTE, 2015).

Por definição, a epilepsia é conceituada como uma disfunção cerebral caracterizada pela predisposição permanente em gerar crises epiléticas. A crise epilética é uma ocorrência breve de sinais e sintomas mediante à atividade neuronal anormal excessiva ou sincrônica no cérebro. A literatura evidencia que se trata de um grupo de doenças de causas subjacentes, com manifestações clínicas de atividade neuronal anormal (GARCÍA-MARTIN, SERRANO-CASTRO, 2018).

No âmbito da saúde pública, a epilepsia consiste como altamente prevalente, com possibilidade de originar déficits cognitivos e sociais. Os efeitos deletérios são resultantes de fatores como o uso de drogas específicas, causando baixa autoestima e dificuldades de aprendizagem em crianças com epilepsia tratadas com esses fármacos (CINTRA, YUEN, 2021).

Considerando a terapêutica de escolha para o tratamento da epilepsia, destaca-se o uso de anticonvulsivantes, demonstrando-se eficácia entre 50 e 80% dos casos, utilizando-se por muito tempo, visando-se a atenuação de possíveis efeitos colaterais. Os principais fármacos utilizados são: Fenitoína, Carbamazepina, Valproato, Etossuximida, Fenobarbital, Benzodiazepínicos, Gabapentina, Lomotrigina e Vigabatrina. Os efeitos colaterais incluem vertigem, reações de hipersensibilidade, sedação, ataxia, visão turva, leucopenia, náusea, retenção de água, alterações de humor, cefaleia, anorexia, erupções cutâneas e tontura. Tais efeitos colaterais corroboram negativamente no processo de aprendizagem de crianças com epilepsia (SÁNCHEZ-ÁLVAREZ, 2012).

3.2. EPILEPSIA E A INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM INFANTIL

Em decorrência das crises epiléticas e diferentes outros fatores, como a superproteção familiar etc., ressalta-se que as dificuldades de aprendizagem figuram como uma realidade para crianças ou adolescentes com epilepsia. São inúmeros os fatores envolvidos no processo de aprendizagem, especialmente o fato de que a criança ou o adolescente não são os únicos responsáveis por determinados problemas que vivenciam, uma vez que dependem de indivíduos adultos de maneira direta (UBERNA, SOUZA, 2021).

Destaca-se que a lacuna de aprendizagem pode depender de uma série de variáveis, como as questões sociais, culturais, individuais e epistemológicas que fazem parte da singularidade de cada ser humano, além de determinadas condições clínicas que implicam em uma terapêutica medicamentosa com possibilidades de gerarem efeitos adversos diretos em crianças com epilepsia (MENDES, CRESPO, 2014).

Com isso, visa-se detectar precocemente as dificuldades de aprendizagem, especialmente por serem fundamentadas com base na compreensão histórica, social e cultural dos indivíduos, de forma que cada caso seja abordado diante de suas próprias particularidades, uma vez que cada pessoa conta com uma conjuntura de vida diferente, que por sua vez atua influenciando no processo de aprendizagem (GIACÓIA, 2012).

Para a literatura, a dificuldade de aprendizagem pode se apresentar enquanto um sintoma, ocultando a repressão de um dado acontecimento pelo qual o aprender representa o seu significado, bem como pela inibição cognitiva, consistindo em uma atenuação intelectual do ego, além do comportamento reativo a despeito das propostas escolares (RIBEIRO et al., 2017).

Considerando o comportamento reativo diante das propostas escolares, destaca-se que a escola não favorece a criança mediante suas respectivas necessidades, além das dificuldades em decorrência de divergências ideológicas entre a instituição de ensino e o círculo familiar e social (ROSSETTI et al., 2012).

Diante de uma situação do não-aprender, a criança pode enfrentar situações que culminam em repulsa, sofrimento e desprazer, sendo denominado de sintoma. As dificuldades de aprendizagem sintoma pode ser percebidas pelo próprio indivíduo ou por terceiros. Acerca do sintoma, destaca-se que é assim denominado quando é uma consequência de causas internas de dificuldades de aprendizagem, envolvendo a personalidade e o círculo familiar, enquanto tal problemática é resultante de causas externas, isto é, sem se relacionar com a personalidade e o círculo familiar, tem-se os problemas de aprendizagem reativos (JESUS, SOUZA, 2017).

Em síntese, o problema de aprendizagem sintoma envolve o histórico pessoal do indivíduo, enquanto o problema de aprendizagem reativo envolve diretamente o contexto escolar, sendo destacado como o fracasso escolar, nos termos de Ferreira (2016), o fracasso escolar é um assunto bem conhecido e há inúmeras discussões sobre o ensino, abordando a realidade a ser encarada.

Nesse sentido, é evidenciada a questão do fracasso escolar, isto é, a dificuldade de aprendizagem. Por definição, trata-se de uma pauta que surgiu no século XIX, especialmente a partir da obrigatoriedade escolar e das modificações estruturais e econômicas de toda a sociedade. Logo, o fracasso escolar ou o problema de aprendizagem representa uma problemática que deve ser compreendida, cabendo ao profissional da psicopedagogia a intervenção necessária acerca daquilo que impede o processo de aprendizagem (FIGUEIRA, CALIMAN, 2014).

Sob esse viés, o fracasso escolar foi considerado por longos anos como uma condição na qual o aluno não conseguia aprender, sendo atribuída exclusivamente ao mesmo a responsabilidade acerca dessa problemática. No decorrer dos anos, evidenciou-se que se trata, então, de uma lacuna que pode depender diretamente da sociedade e das instituições escolares, sendo relativamente comum em indivíduos com epilepsia (MENDES, CRESCPO, 2014).

3.3. IMPACTOS DO MANEJO TERAPÊUTICO NA ATENUAÇÃO DO FRACASSO ESCOLAR EM CRIANÇAS COM EPILEPSIA

Com ênfase na literatura, a compreensão das diferentes causas relacionadas ao fracasso escolar, culminaram, então, no desenvolvimento de estratégias de enfrentamento dessas questões, especialmente por intermédio de terapêuticas que não implicassem negativamente no processo de aprendizagem, isto é, que contribuíssem para acentuar o fracasso escolar em crianças com epilepsia (CARVALHO et al., 2020).

No caso da realidade educacional do Brasil, faz-se possível destacar que as práticas educativas devem ser repensadas, isto é, avaliar não só o fracasso escolar, mas sim toda a conjuntura familiar, e outros agentes responsáveis pelos processos que envolvem o ensinar e o aprender, como o tratamento farmacológico da epilepsia e a possibilidade de resultar em efeitos adversos, sobretudo, no processo de aprendizagem de crianças epiléticas (SAUTE et al., 2015).

Conforme evidenciado, tendo em vista as possibilidades terapêuticas além do tratamento farmacológico da epilepsia em crianças, desenvolveram-se diferentes alternativas, tais como as terapias cirúrgicas, a dieta cetogênica e o uso de canabíoides são considerados pela literatura atual (COELHO et al., 2021).

Especificamente sobre o tratamento cirúrgico, indica-se para os casos refratários ao tratamento clínico e/ou farmacológico, pautando-se a ressecção completa da zona epileptogênica para possibilitar a cura e o controle da doença. Em determinados casos, não é possível determinar com exatidão qual seria o impacto positivo na atenuação do número e morbidade das crises epiléticas, embora ocorra a redução quanto ao uso de anticonvulsivantes, implicando na melhora comportamental e o desenvolvimento cognitivo e intelectual (FERNANDES, 2013).

Além disso, se faz possível a utilização da dieta cetogênica como um tratamento adjuvante na epilepsia, que se apresenta com efeitos tão bons ou melhores do que a terapêutica medicamentosa. Trata-se de uma dieta rica em gorduras, com baixo teor de carboidratos e proteínas em quantias moderadas. Desde 1921, a dieta é prescrita para tratamento da epilepsia intratável (SAMPAIO, 2016).

Além disso, evidencia-se a ampla abordagem da literatura global acerca do uso medicinal da maconha no tratamento da epilepsia. Atualmente, vivencia-se um período no qual o mundo inteiro passa por uma etapa de redescoberta acerca das propriedades terapêuticas envolvendo a cannabis, bem como o reconhecimento de determinadas nações acerca do direito à autonomia em termos de uso medicinal e recreativo da substância (NETO, ESCOBAR, LIRA, 2020).

No caso específico do Brasil, existem diversas reivindicações motivadas por movimentos científicos, políticos e sociais. Nesse sentido, destaca-se a necessidade de regulação quanto ao uso da maconha para uso medicinal, tendo em vista os custos envolvidos na importação, burocracia e a urgência no tratamento de patologias pelo uso de canabíoides para doenças como a epilepsia, anorexia, esclerose, fibromialgia, dor neuropática, entre outras (NETO, ESCOBAR, LIRA, 2020).

Outrossim, apesar dos avanços, evidenciou-se as lacunas diante da importação dos produtos. Para que seja possível que um brasileiro que sofra de epilepsia obtenha o acesso aos remédios derivados da maconha, é preciso realizar uma série de trâmites burocráticos junto da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), além das dificuldades do ponto de vista do judiciário, isto é, diante de um deferimento de um pedido de importação, o poder público pode atuar com a revogação da medida, dificultando ainda mais a importação, que já apresenta um custeio elevado (ALMEIDA, CARVALHO, 2016).

Pelo contexto apresentado, tanto o tratamento cirúrgico, a dieta cetogênica e o uso de canabinóides são descritos na literatura como responsáveis pela atenuação das crises epiléticas, culminando na redução da frequência e severidade das convulsões em crianças. Preconiza-se tais terapêuticas como uma forma de atenuar os efeitos deletérios do tratamento farmacológico convencional, sobretudo pela atenuação das lacunas inerentes ao processo de aprendizagem em crianças com epilepsia, com ganhos na qualidade de vida e desenvolvimento cognitivo-intelectual infantil (ARAYA-QUINTANILLA et al., 2016).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, evidencia-se que a epilepsia é uma doença neurológica crônica com prevalência estimada em cerca de 65 milhões de pessoas em todo o mundo. Não obstante, nota-se que a epilepsia é um desafio para o aprendizado, o problema de aprendizagem sintoma envolve o histórico pessoal do indivíduo, enquanto o problema de aprendizagem reativo envolve diretamente o contexto escolar. Nesse viés, o manejo terapêutico para atenuação dos problemas decorrentes da epilepsia na educação é fundamental, haja vista a importância do desenvolvimento educacional da criança.

Portanto, destaca-se que o presente artigo atingiu todos os objetivos relacionados à problemática, bem como produziu conhecimento científico sobre o tema em epígrafe.

REFERÊNCIAS

- ABED, Anita Lilian Zuppo. O desenvolvimento das habilidades socioemocionais como caminho para a aprendizagem e o sucesso escolar de alunos da educação básica. **Construção psicopedagógica**, v. 24, n. 25, p. 8-27, 2016.
- ALMEIDA, Caio Domingues; CARVALHO, Nathan Castelo Branco. A dificuldade do acesso à justiça na tentativa de uso da maconha para fins medicinais no Brasil. **Revista Direitos Sociais e Políticas Públicas (UNIFAFIBE)**, v. 4, n. 1, p. 46-69, 2016.
- ARAYA-QUINTANILLA, Felipe et al. Efectividad de la dieta cetogénica en niños con epilepsia refractaria: revisión sistemática. **Rev Neurol**, v. 62, n. 10, p. 439-448, 2016.
- CAMPOS, Micheli Carvalho; KORTMANN, Gilca Maria Lucena. Crianças com epilepsia e suas aprendizagens: um estudo de caso. **SEFIC 2015**, 2017.
- CASTRO NETO, Antonio Gomes de; ESCOBAR, José Arturo Costa; LIRA, Wagner Lins. A história da primeira tentativa de produção de medicamentos à base de maconha: Entrevista com Antônio José Alves. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 25, p. 2283-2288, 2020.
- CINTRA, Marcelo Pereira; YUEN, Chan Tiel. Epilepsia e depressão: abordagem na atenção primária como estratégia de saúde pública. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 13, n. 10, p. e8845-e8845, 2021.
- COELHO, Carolina Pereira et al. Dieta cetogênica como terapêutica na epilepsia Refratária em crianças e adolescentes. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 16, p. e535101623978-e535101623978, 2021.
- DE CARVALHO, Aroldo Prohmann et al. Nesta edição do “Boletim”: Aprendizado, Adaptação, Sobrevivência!. **Outubro**, v. 6, n. 2, 2020.
- DE LIMA, Leandro Januário et al. Particularidades da Epilepsia em Crianças. **Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências-RIEC| ISSN: 2595-0959**, v. 4, n. 3, 2021.
- DE LIMA, Regina Silvia Alves; RIZZUTTI, Sueli. Repercussões das representações sociais da epilepsia na constituição da identidade social de adolescentes com epilepsia de difícil controle. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 9, p. 88259-88278, 2021.
- FERNANDES, Maria José da Silva. Epilepsia do lobo temporal: mecanismos e perspectivas. **Estudos avançados**, v. 27, n. 77, p. 85-98, 2013.
- FERNANDES, Maria José da Silva. Epilepsia do lobo temporal: mecanismos e perspectivas. **Estudos avançados**, v. 27, n. 77, p. 85-98, 2013.
- FERREIRA, Claudia Maria Silva. Fracasso Escolar. **Revista Eletrônica Organizações e Sociedade**, v. 5, n. 3, p. 128-139, 2016.
- FIGUEIRA, Paula Lampé; CALIMAN, Luciana Vieira. Considerações sobre os movimentos de medicalização da vida. **Psicologia Clínica**, v. 26, p. 17-32, 2014.
- FONTES, L. Pulido; JIMENEZ, P. Quesada; IRIARTE, M. Mendioroz. Epigenética y epilepsia. **Neurologia**, v. 30, n. 2, p. 111-118, 2015.

FRAGA, Jordana Ovídio; GONÇALVES, Ana Jandira Nascimento. Dificuldade de aprendizagem. **Maiêutica-Pedagogia**, v. 5, n. 1, 2017.

GARCÍA-MARTÍN, Guillermina; SERRANO-CASTRO, Pedro J. Epidemiología de la epilepsia en España y Latinoamérica. **Rev Neurol**, v. 67, n. 7, p. 249-262, 2018.

GIACÓIA, Luciano Rogério Destro. Avaliação psicopedagógica e dificuldades de aprendizagem: concepção de uma escola particular de São Manuel/SP. **Revista Eletrônica de Educação e Ciência-REEC**, v. 2, n. 01, p. 54-66, 2012.

JESUS, Juliana Soares de; SOUZA, Vera Lucia Trevisan de. Os sentidos da dificuldade de aprendizagem para professores: reflexões da perspectiva da Psicologia HistóricoCultural. **Psicologia Argumento**, v. 35, n. 88, p. 33-44, 2017.

MENDES, Teresa; CRESPO, Carla. Adaptação individual e familiar na epilepsia pediátrica: revisão empírico conceptual. **Psicologia, Saúde e Doenças**, v. 15, n. 2, p. 314-334, 2014.

RENARDIN, Délis et al. Epilepsy bearing children: viewpoint and familyhood/Crianças com epilepsia: percepção e vivência de famílias. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 11, n. 4, p. 1065-1071, 2019.

RIBEIRO, Iolanda et al. A utilização da plataforma “Ainda Estou a Aprender” na avaliação e na intervenção nas dificuldades na aprendizagem da leitura: um estudo de caso. **Calidoscópio**, v. 15, n. 1, p. 30-44, 2017.

ROSSETTI, Claudia Broetto et al. Aspectos cognitivos e metacognitivos do raciocínio de universitários com queixa de dificuldades de aprendizagem. **Schème: Revista Eletrônica de Psicologia e Epistemologia Genéticas**, v. 4, n. 2, p. 91-128, 2012.

SAMPAIO, Letícia Pereira de Brito. Dieta cetogênica para o tratamento da epilepsia. **Arquivos de Neuro-Psiquiatria**, v. 74, n. 10, p. 842-848, 2016.

SAUTE, Ricardo Lutzky et al. Epilepsia resistente ao tratamento farmacológico: bases para a condução diagnóstica e possibilidades terapêuticas. **Acta méd.(Porto Alegre)**, p. [8]-[8], 2015.

TEIXEIRA, Andrea Regina; ALLIPRANDINI, Paula Mariza Zedu. Intervenção no uso de estratégias de aprendizagem diante de dificuldades de aprendizagem. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 17, p. 279-288, 2013.

UBERNA, Thayse Smek; DE SOUZA, Ana Maria Barros. O ensino e aprendizagem da responsabilização da criança na educação inclusiva-perspectivas da pedagogia ontopsicológica. **Uma Nova Pedagogia para a Sociedade Futura**, p. 177-186, 2021.